



O CERRADO E OS ANDARILHOS SOBRE O ESPAÇO DESCERRADO: UM DIÁLOGO COM O PROFESSOR ALTAIR SALES NA II SEMANA INTEGRADA DO CERRADO¹

**THE CERRADO AND THE WALKERS ABOUT THE UNCERATED SPACE:
A DIALOGUE WITH PROFESSOR ALTAIR SALES AT THE II INTEGRATED CERRADO WEEK**

**EL CERRADO Y LOS CAMINANTES SOBRE EL ESPACIO DERRIBADO:
UN DIÁLOGO CON EL PROFESOR ALTAIR SALES EN LA II SEMANA INTEGRADA DEL
CERRADO**

Adão Francisco de Oliveira – UFT – Porto Nacional – Tocantins – Brasil

adaofrancisco@gmail.com

RESUMO

Este texto tem por finalidade discutir as configurações territoriais do Cerrado brasileiro ao longo do século XX na perspectiva da formação socioespacial no contexto do modo de produção capitalista e sua decorrente divisão regional do trabalho. Não obstante, ousa interagir esta condição de método com a perspectiva da produção social do espaço. Elaborado para dialogar com o arqueólogo Altair Sales Barbosa na mesa de abertura da II Semana Integrada do Cerrado – “Cerrado: Saberes, Usos e Abusos”, aborda-se o Cerrado compreendendo-o como uma *estrutura biogeográfica* afetada pela expansão do capitalismo agrário. O texto aborda ainda a dinâmica da fronteira capitalista sobre o centro-norte do país no século XXI e apresenta a compreensão sintética desse processo como sendo a *Marcha para o Oeste em cinco atos*.

Palavras-Chave: Cerrado; biogeoeestrutura; capitalismo agrário; marcha para o oeste.

SUMMARY

This text aims to discuss the territorial configurations of the Brazilian Cerrado throughout the 20th century from the perspective of socio-spatial formation in the context of the capitalist mode of production and its resulting regional division of labor. Nevertheless, it dares to interact this condition of method with the perspective of the social production of space. Elaborated to dialogue with the archaeologist Altair Sales Barbosa at the opening table of the II Integrated Cerrado Week – “Cerrado: Knowledge, Uses and Abuses”, the Cerrado is approached, understanding it as a *biogeographic structure* affected by the expansion of agrarian capitalism. The text also addresses the dynamics of the capitalist frontier over the center-north of the country in the 21st century and presents a synthetic understanding of this process as the *March to the West in five acts*.

¹ Palestra ministrada na II Semana Integrada do Cerrado - **Cerrado: Saberes, Usos e Abusos**, na mesa de abertura intitulada *Cerrado: dos andarilhos da claridade aos expropriados de terra e água*, no dia 12/09/2022.

Key words: Cerrado; biogeostucture; agrarian capitalism; march to the west.

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo discutir las configuraciones territoriales del Cerrado brasileño a lo largo del siglo XX desde la perspectiva de la formación socioespacial en el contexto del modo de producción capitalista y su resultante división regional del trabajo. Sin embargo, se atreve a interactuar esta condición de método con la perspectiva de la producción social del espacio. Elaborado para dialogar con el arqueólogo Altair Sales Barbosa en la mesa inaugural de la II Semana del Cerrado Integrado – “Cerrado: Saberes, Usos y Abusos”, se aborda el Cerrado, entendiéndolo como una estructura biogeográfica afectada por la expansión del capitalismo agrario. El texto también aborda la dinámica de la frontera capitalista sobre el centro-norte del país en el siglo XXI y presenta una comprensión sintética de este proceso como la Marcha al Oeste en 5 actos.

Palabras clave: Cerrado; biogeoeestrutura; capitalismo agrario; marcha al oeste.

INTRODUÇÃO

Desejo começar essa conversa assim:

*Vida retorcida
Em brotos intensos
Forjados na secura
De um Cerrado denso*

*Acres cansados
De um bioma descerrado
Terra sofrida
Exposta pelo arado*

*Mas a vida resiste
Em arbustos lenhosos
E a delicadeza aflora
Em folíolos espinhosos*

*Beleza incontida
Em avermelhado encanto
Caliandra os sertões
Requintando os cantos*

Estes versos são de um poema de minha autoria, chamado CALIANDRA. Esta é, como descrito no poema, uma flor do Cerrado de uma beleza muito peculiar e viva, que podemos tomar como uma boa representação de esperança. Afinal, já há bastante tempo que o professor Altair Sales Barbosa tem chamado a atenção para a destruição e o sacrifício do Cerrado, que arado e descerrado, insiste em nos oferecer a caliandra, o

pequi, os ipês, as veredas, o Araguaia, o Tocantins, dentre outras tantas belezas e fontes de vida.

Este alerta não é um grito na multidão. Altair Sales é uma das maiores autoridades sobre o Cerrado no mundo e suas pesquisas no campo da Arqueologia, numa perspectiva interdisciplinar e dialógica com as ciências afins (dentre elas a Geografia), nos informam sobre o Cerrado desde a sua constituição, permitindo-nos compreender a relação sociedade e natureza no suceder das eras nessa porção espacial do planeta, tão fundamental para o equilíbrio ecológico da Terra.

Não por acaso, foi com base nas pesquisas de Altair Sales que o historiador Paulo Bertran batizou o esqueleto humano mais antigo das Américas, o *Homo Cerratensis*, com idade estimada em 13 mil anos. Questionando o conceito de bioma, por este enfatizar ou realçar um clímax vegetacional, muitas vezes não corroborado pela história evolutiva do espaço em questão, Altair Sales propõe o termo **biogeoestrutura** para designar a sua complexidade geográfica, no tempo e no espaço. Aliás, cabe destacar que um dos principais interlocutores e amigos deste influente professor aposentado da PUC-GO – que é fundador do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), do Instituto do Trópico Subúmido (ITS), do Memorial do Cerrado e do Memorial Serra da Mesa – foi o geógrafo Aziz Ab’Saber.

Enquanto biogeoestrutura, o Cerrado é a cumeeira da América do Sul, distribuindo águas para as grandes bacias hidrográficas do continente. Nele estão situados 3 grandes e importantes aquíferos: o Guarani, o Bambuí e o Urucuaia, todos abastecidos pela captação das águas das chuvas pelas profundas raízes de suas árvores, seus arbustos e suas gramíneas. Assim, o Cerrado, na interpretação de Altair Sales, tem importância fundamental e singular no equilíbrio do planeta Terra.

Contudo, o Cerrado está sendo descerrado. Essa é uma condição recente para um espaço que tem a sua formação constituída há milhões de anos. Essa é uma condição do século XX, fruto da captura capitalista do seu espaço.

Esta captura remonta ao início do século passado e segundo Milton Santos ela é fruto da estruturação, pela primeira vez na história do país, de um mercado nacional e

da formação de uma “região concentrada” em torno de São Paulo. Esta região substituiu o Nordeste em importância mercantil, especialmente Salvador, a partir do surgimento de novas demandas agrícolas do mercado europeu, da estagnação do seu desenvolvimento técnico, da dispersão demográfica em zonas rurais e do clima e solo impróprios para o cultivo de novos produtos de interesse no mercado.

Como centro dirigente do mercado nacional, São Paulo e sua região concentrada cresceram muito rapidamente no intervalo de 25 anos e estabelecem uma nova lógica para a divisão regional do trabalho. Com foco numa produção agrícola de monocultura para exportação e com o alistamento de contingentes de trabalhadores na nascente indústria de transformação, esta região passa a demandar a incorporação de novas áreas de produção agrícola para o seu abastecimento alimentar e como áreas de expansão da monocultura.

Não obstante, o Estado brasileiro tratou de cobrir a expansão capitalista desde a primeira década do século passado, mesmo com a burocracia estatal ainda muito frágil da Primeira República. Segundo Simone Affonso, a primeira iniciativa de política de desenvolvimento regional datou de 1909, ainda no governo de Nilo Peçanha. Iniciativas semelhantes ainda foram implementadas nos governos de Hermes da Fonseca e de Delfim Moreira. Porém, aquelas que afetaram diretamente o Cerrado se deram a partir da Era Vargas, fruto de sua concepção desenvolvimentista de ampliação, consolidação e integração do mercado nacional e de segurança das fronteiras, o que demandava políticas de colonização. Não por acaso, a Era Vargas foi dominada pela ideologia da “Marcha para o Oeste” e, com ela, se entendia que “o sentido da brasilidade era o sertão”. Sob essas premissas, se forjava a *região da fronteira de recursos ou de novas oportunidades*, como compreendeu Bertha Becker.

Nesta marcha, onde se sobrepujam dialética e contraditoriamente (como supõe José de Souza Martins) a frente pioneira e a frente de expansão, se desenvolveu uma primeira rede de infraestrutura e se estabeleceram cidades como entrepostos. Porém, a cada avanço técnico sobre o espaço confrontavam-se, segundo Martins, as alteridades. Esse movimento de expansão territorial do capitalismo foi fatalmente

violento, em especial com os povos tradicionais ocupantes das terras devolutas sob litígio do capital.

Contudo, será mesmo nas décadas de 1960 e 1970 que o Cerrado sofrerá um forte impacto de transmutação. Eguimar Felício Chaveiro, Ubiratan Francisco de Oliveira e Adão Francisco de Oliveira entenderam que o processo de modernização do espaço do Cerrado teve início com a montagem da infraestrutura no período anterior e se concretizou com a chegada de empresas, novos financiamentos e a reconfiguração do solo por máquinas e implementos. Neste novo contexto, o Cerrado, com solo pobre de nutrientes e, portanto, baixos preços, reconfigura-se de sentidos com os corretores de solo, com as modificações genéticas e com a indução racionalizada de plantações e pastos.

Segundo Milton Santos, o espaço do Centro-Oeste, região com maior domínio da biogeoestrutura Cerrado, foi transformado em meio técnico-científico-informacional, apesar de sua constituição como espaço opaco, de baixa densidade demográfica. Um espaço dominado pelas redes que, na leitura de Denis Castilho, se constituem como vetores estratégicos de poder dos produtores capitalistas (neste caso, do capitalismo agrário) e, ao mesmo tempo, vetores de restrições de riquezas à grande massa da população. Por isso, as redes estão na base dos *processos espoliativos* e expressam a expansão da modernização, do controle territorial, da segregação e do atraso.

Mas essa captura do Cerrado pelo capital se deu pela participação fundamental do Estado enquanto agente viabilizador das redes de infraestrutura. Tadeu Alencar Arrais destaca as correlações de poder e os arranjos políticos que permitiram o uso estratégico do Estado na produção do território, especialmente o território goiano. O autor compreende que esta produção gerou uma paisagem regional desigual como condição necessária para a integração (de forma subordinada) ao sistema nacional e global pelas corporações capitalistas.

Resulta disso uma segunda frente da velha marcha para o oeste, dinamizada a partir da década de 1960, fazendo avançar a fronteira econômica e social do país do Centro-Oeste para o Centro-Norte. Dessa forma, enquanto entre as décadas de 1960 e

1980 os grandes centros urbanos se metropolizavam no Brasil, no espaço do Cerrado as frentes pioneiras cuidavam de criar as condições para a sua exploração capitalista, rearticulando-o à divisão regional do trabalho.

Celene Barreira, Beatriz Rodrigues e Fernando Sobrinho (mas também Aristides Moysés, Elcilene de Melo Borges, Débora Cunha) nos fazem compreender que a dinâmica capitalista que se apropriou do espaço do Cerrado provocou uma reestruturação das respectivas redes urbana regionais, enfatizando o papel das cidades médias que se estruturaram diante dessa nova realidade, especialmente entre as décadas de 1980 e 2010.

Assim, eu quero apresentar a leitura que tenho feito dessa dinâmica da Marcha para o Oeste na perspectiva do Planejamento Regional e de políticas territoriais socialmente parciais, voltadas para a expansão capitalista e excludentes dos homens e das mulheres com vínculos orgânicos com a terra. Eu chamo essa dinâmica de **Marcha para o Oeste e 5 atos**.

Parto do entendimento de que o movimento de criação de arranjos institucionais e políticas públicas a partir de 1930 até os dias de hoje implica na conquista do centro-norte brasileiro pelo capital, tendo como agente fundamental o Estado, viabilizador dos empreendimentos na frente pioneira via políticas de desenvolvimento regional. Este movimento é marcado pelas seguintes fases:

- i) 1930 a 1964: **A Captura do Cerrado**. Marcada pela ideologia do nacional desenvolvimentismo e da integração nacional e se constituiu na tendência histórica da industrialização do Centro-Sul e do abastecimento do mercado nacional.
- ii) 1964 a 1988: **A Captura da Amazônia**. Marcada pela Ideologia da Doutrina da Segurança Nacional e se constituiu na tendência histórica da globalização, da financeirização e do fomento do capitalismo agrário.
- iii) 1988 a 2000: **Recolocação na Divisão Internacional do Trabalho**. Marcada pela ideologia do Neoliberalismo e se constituiu na tendência histórica da dialética da redemocratização

-
- iv) iv) 2000 a 2015: **Ressocialização da Sociobiodiversidade**. Marcada pela ideologia do nacional redistributivismo e se constituiu na tendência histórica da redistribuição de renda dos governos do PT.
- v) v) 2015 aos dias atuais: **Hegemonização do Agronegócio**. Marcada pela ideologia do ultraliberalismo e se constituiu na tendência histórica da radical concentração das riquezas e no empobrecimento das bases sociais, através do que Denis Castilho compreende como *processos espoliativos*.

Para finalizar, eu retomo: a partir da década de 1960 o Cerrado passou por uma ressignificação na sua representação enquanto espaço que pudesse servir à dinâmica capitalista. Até então, as suas terras, especialmente nos Estados de Goiás, Mato Grosso e Tocantins, eram tidas como terras ruins, sendo assim aproveitadas basicamente para a pecuária extensiva. Porém, a consolidação do mercado nacional e a necessidade do Centro-Sul do país, liderado por São Paulo, de incorporar novas áreas produtivas para a produção de alimentos que atendessem às suas demandas internas provocaram uma modernização do campo no Cerrado.

Nos 50 anos entre as décadas de 1960 e 2000, o desmatamento do Cerrado atingiu patamares assustadores, conforme se pode consultar no sítio Observatório da Terra, do INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, vinculado à Presidência da República. Projetos de desenvolvimento da agricultura (como é o caso do MATOPIBA) constituem ameaça futura à incidência do Cerrado e à preservação da Floresta Amazônica. Não estou falando aqui de ações voluntárias; falo de ações coordenadas pelo Estado, o que as classifica como políticas públicas.

A partir da segunda metade da década de 2000 o Brasil registrou um maior controle no desmatamento do Cerrado. É o que demonstram os dados revelados pelo INPE. Porém, o aumento exponencial da agricultura da soja nesse período fez avançar sobre a Amazônia as novas áreas agricultáveis, colocando pressão e risco à floresta. Por decorrência, enquanto se conteve o desmatamento do Cerrado, aumentou-se o desmatamento sobre a floresta Amazônica, principalmente na borda da região da Amazônia Legal, no entorno das principais rodovias que cortam a região.

Assim, para me reconectar com o professor Altair Sales, eu concluo: a transpiração da Floresta Amazônica produz o fenômeno dos “rios voadores”, que são cursos de água atmosféricos que fazem precipitar as chuvas no Cerrado, que por sua vez funcionam como inibidoras das queimadas naturais desse bioma. A água que molha o Cerrado penetra o solo através de suas raízes profundas e seus micélios. Sem a Floresta Amazônica não há rios voadores, e sem esses rios não há a possibilidade de repovoar o Cerrado. A inexistência desses dois biomas coloca em risco as maiores reservas de água doce do planeta que, agravado pela elevação do clima, produzirá inevitavelmente a alteração de sua biogeoestrutura, o que significa o começo do fim.

E onde está a esperança? O cantor mineiro Beto Guedes exclamou há algumas décadas:

*Quando entrar setembro
E a boa nova andar nos campos
Quero ver brotar o perdão
Onde a gente plantou
Já sonhamos muito
Semeando as canções no vento
Quero ver crescer nossa voz
No que falta sonhar*

Eu sonho. E eu faço, juntamente com o professor Altair Sales. E quero acreditar que a boa nova deste setembro será ainda melhor quando as caliandras irradiarem o seu vermelhão a partir do próximo outubro.

Adão Francisco de Oliveira - Doutor em Geografia (IESA/UFG, 2011) e Pós-Doutor em Geografia por esse mesmo instituto (2021). Mestre em Sociologia (DCS/UFG, 2002). Graduado em História (FCHF/UFG, 1996). É o atual presidente da ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Foi Secretário de Educação, Juventude e Esportes do Tocantins em 2015 e 2016, tendo acumulado o cargo de Secretário de Estado da Cultura do Tocantins. Designado pela Portaria Nº 66 da Presidência da República, de 01/12/2022, como membro da Equipe de Transição do Governo Federal (2023-2026) e pelo Decreto Nº 5.148 do Governo do Tocantins, de 14/11/2014, como membro da Equipe de Transição do Governo Estadual (2015-2018). É Professor da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFT de Porto Nacional. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFT em 2014-2015 e em 2021-2022. Na UFT, foi Diretor de Pesquisa (2012), Assessor de Relações Institucionais da Reitoria de

junho de 2012 a agosto de 2014 e também Chefe de Gabinete em Exercício. Foi professor da Unitins (abril de 2008 a julho de 2010), onde ocupou os cargos de Diretor de Pesquisa Institucional e Assessor de Pós-Graduação. Em Goiás, foi professor da UEG entre 2000 e 2007. É sócio correspondente do IHGG - Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Tem experiência nas áreas de Geografia Urbana e Regional e Sociologia Urbana, atuando principalmente nos temas de Planejamento e Gestão do Território e de Desenvolvimento da Educação. É pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) Observatório das Metrôpoles - núcleo Goiânia desde 2002; membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Espaço, Sujeito e Existência "Dona Alzira" e coordenador do OPTE - Observatório de Políticas Territoriais e Educacionais.

Recebido para publicação em 14 de dezembro de 2022.

Aceito para publicação em 27 de dezembro de 2022.

Publicado em 27 de dezembro de 2022.